

# Avaliação por pares utilizando Moodle Workshop aplicável ao currículo baseado em competências

Vinícius Lins Gomes\*

## Introdução

No contexto atual da Era do Conhecimento, novos paradigmas educativos têm ganhado evidência em detrimento de paradigmas tradicionais. Dentre os novos modelos, destaca-se o ensino baseado em competências, que tem a proposta de formar indivíduos capazes de mobilizar, ao mesmo tempo, conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para o enfrentamento dos desafios impostos pelo século XXI.

No âmbito de uma proposta curricular por competências, os elementos que compõem o processo ensino-aprendizagem (objetivos, conteúdos, métodos e avaliação) são de responsabilidade não apenas do professor, mas de todos os atores da comunidade escolar. Sendo assim, uma das vertentes da avaliação é aquela realizada mutuamente pelos alunos, também conhecida como avaliação por pares.

Esse tipo de avaliação pode ser realizado com a ferramenta tecnológica Moodle Workshop. Segundo Moodle (2016), esse recurso possui algumas características, tais como: permite a realização de uma ativi-

dade de avaliação entre pares com muitas opções; os estudantes submetem o seu trabalho através de uma ferramenta *on-line* de texto e anexos; e existem duas notas para um estudante (o seu próprio trabalho e sua avaliação por pares dos trabalhos de outros estudantes).

Diante do exposto, este artigo visa investigar a viabilidade da realização da avaliação por pares utilizando o Moodle Workshop aplicável ao currículo baseado em competências, tendo por foco os seguintes objetivos:

- a) Compreender de que forma a avaliação por pares pode ser aplicada no desenho curricular baseado em competências;
- b) Analisar os potenciais pedagógicos do Moodle Workshop;
- c) Explorar a aplicação do Moodle Workshop na avaliação por pares.

A metodologia adotada se fundamenta no paradigma qualitativo, de caráter subjetivo, no método indutivo, partindo de conceitos específicos, e na pesquisa aplicada, com vistas a gerar conhecimentos acerca da temática, que sirvam para a solução de problemas específicos.

---

\* 1º Ten QCO (Pedagogia; EsFCEEx/12). Atualmente, serve na Escola de Formação Complementar do Exército.

## Desenvolvimento

### ***Ensino por competências***

O termo “competência” teve origem no contexto empresarial, particularmente na segunda metade da década de 1960 e início da década de 1970, para designar o que caracteriza uma pessoa capaz de realizar determinada tarefa de forma eficiente (Zabala & Arnau, 2010). No contexto educativo, foi e continua sendo muito empregado nos cursos profissionalizantes com o propósito de preparar os egressos para o mercado de trabalho. Tal fato vem gerando equívocos na compreensão do que significa formar indivíduos em uma proposta de ensino baseada em competências.

A competência que é abordada neste trabalho não visa única e exclusivamente à formação profissional realizada em ambientes educativos. Pelo contrário, pretende-se analisá-la sob dois pontos de vista: como forma de superação do ensino tradicional; e como forma de preparação não só profissional, mas, principalmente, para a vida.

Em relação ao primeiro aspecto, segundo Zabala & Arnau (2010), “o termo competência surge como resposta às limitações do ensino tradicional”. Os mesmos autores dizem ainda:

O uso do termo competência é uma consequência da necessidade de superar um ensino que, na maioria dos casos, reduziu-se a uma aprendizagem cujo método consiste na memorização, isto é, decorar conhecimentos, fato que acarreta na dificuldade para que os conhecimentos possam ser aplicados na vida real.

Sendo assim, a adoção de um currículo escolar baseado em competências visa à superação de uma proposta pedagógica na qual os

objetivos de ensino são definidos em função dos saberes disciplinares, sendo os conteúdos o foco do processo ensino-aprendizagem, e do papel do professor como o principal responsável por transmitir os conhecimentos aos alunos, que os recebem passivamente e são avaliados em uma perspectiva unilateral com base nos resultados apresentados em testes e exames.

No que diz respeito ao segundo aspecto abordado, o ensino por competências surge com o propósito de fornecer uma formação holística aos sujeitos, tendo por base os quatro pilares da educação apresentados no relatório para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Delors (2004). Os pilares, a saber, são: aprender a conhecer (adquirir os instrumentos da compreensão); aprender a fazer (para poder agir sobre o meio envolvente); aprender a viver juntos (a fim de cooperar com os outros em todas as atividades humanas); e aprender a ser (via essencial que integra as três precedentes).

As escolas nos dias atuais devem ensinar os estudantes a “aprender a aprender” os conteúdos essenciais para a vida em sociedade. Ján Figel, membro da Comissão Europeia responsável pela Educação, Formação, Cultura e Juventude destaca:

A aprendizagem ao longo da vida tornou-se uma necessidade de todos os cidadãos. Precisamos desenvolver as nossas aptidões e competências ao longo das nossas vidas, não apenas para a nossa realização pessoal e a nossa capacidade de participar ativamente na sociedade em que vivemos, mas também para sermos capazes de ter êxito num mundo laboral em constante mudança. (Comissão Europeia, 2007)

Dentre as competências chave sugeridas para o século XXI, destaca-se o desenvolvimento da competência digital, pelo fato de ela se fazer tão necessária no contexto atual marcado por profundas transformações tecnológicas.

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação nos currículos das escolas nos dias de hoje é tão importante quanto o ensino das disciplinas consideradas básicas. Nesse sentido, as atividades com tecnologias integradas ao currículo escolar visam à formação dos indivíduos em uma perspectiva instrumental e de desenvolvimento pessoal e social. A esse respeito, Costa (2010) destaca:

[...] numa perspectiva instrumental — indivíduos mais bem equipados para as exigências do mundo do trabalho e da vida em sociedade —, quer sobretudo numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e social — indivíduos intelectualmente mais fortes e socialmente mais autônomos e participativos.

### ***Avaliação por pares em uma perspectiva curricular baseada em competências***

A avaliação da aprendizagem dos estudantes, no ensino baseado em competências, apresenta-se de forma processual. A esse respeito, destaca-se:

A avaliação na escola deve se dirigir a todo o processo de ensino e aprendizagem e, portanto, não apenas aos resultados que os alunos obtiveram, mas a qualquer uma das três variáveis fundamentais as quais intervêm no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as atividades que os professores promovem, as experiências que os alunos realizam e os conteúdos de aprendizagem, pois as três são determinantes para

a análise e a compreensão de tudo o que ocorre em qualquer ação formativa. (Zaballa & Arnau, 2010)

Nessa perspectiva, a avaliação apresenta uma dimensão multilateral, na qual professor e alunos avaliam uns aos outros. Sendo assim, destaca-se a avaliação por pares, que tem como uma de suas vantagens a de proporcionar uma avaliação colaborativa e participativa entre os estudantes.

Através das interações, cada aprendiz tem a liberdade de expor suas ideias, compartilhar entendimentos e questionamentos, sendo um participante ativo e responsável pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem do grupo. Assim, valoriza-se a participação do aprendiz e suas competências em resolver problemas. (Fuks et al, 2006, apud Ugulino et al, 2009)

A ideia subjacente à distribuição aleatória na avaliação por pares é baseada na distribuição normal, em que diferenças individuais são reduzidas quando se aumenta o número de avaliações (Russell & Airasian, 2012). Alguns investigadores defendem que as diferenças entre avaliadores são uma representação fiel do mundo real, e este é outro argumento a favor da utilização de avaliação por pares (Goda & Reynolds, 2010).

Embora haja uma certa relutância em utilizar avaliação por pares como método de avaliação somativa, a sua utilização em atividades de avaliação formativa tem demonstrado grandes potenciais pedagógicos (Black & William, 1998; Gielen, Dochy, & Onghena, 2011).

Outra razão para abordar a avaliação por pares é o fato de que ela pode ser empregada nos diversos tipos de modalidades de

ensino: presencial, semipresencial e a distância. Nesse propósito, sua utilização reveste-se de maior importância quando empregada em ambientes virtuais de aprendizagem não só por retirar do professor a exclusividade de sua realização, mas, também, por ser um excelente recurso, que possibilita aos próprios alunos se avaliarem mutuamente com base na participação e na colaboração de cada um.

Diante do exposto, pretende-se no próximo tópico sugerir aos docentes, considerando uma proposta construtivista de ensino, o uso do Moodle Workshop, que possibilita aos alunos a realização da avaliação de seus pares. A esse respeito, destaca-se:

[...] as tecnologias deverão ser instrumentos de trabalho dos alunos, que as utilizam para auxiliar o processo de aprendizagem. Isto implica, necessariamente, que as tecnologias sejam enquadradas em ambientes de aprendizagem de natureza construtivista, nos quais os alunos se envolvem ativamente no processo de construção do conhecimento. (Costa et al, 2012)

### **Moodle Workshop**

Para a abordagem da ferramenta em questão, é necessário, inicialmente, apresentar o *software* Moodle por ser um dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) mais utilizados atualmente em todo o mundo. Inicialmente, destaca-se o seu caráter de gratuidade e acesso livre, seja através da internet ou de uma rede local, por todos aqueles que o desejarem utilizar.

Dentre os potenciais pedagógicos do Moodle, destaca-se a possibilidade de criação de cursos, integrando a eles diversas tecnologias que possibilitam a comunicação e a interação de forma síncrona (em tempo real) e assíncrona (em tempo diferido), com destaque

para a ferramenta Workshop (Laboratório de Avaliação, na versão em português).

O Moodle Workshop é uma evolução doutra ferramenta de ensino disponível para plataformas Moodle, que se chama Assignment (Moodle, 2016c) e estende a sua funcionalidade em várias dimensões. Enquanto o Assignment apenas permite ao professor definir instruções para a tarefa e, ao aluno, submeter o trabalho, o Moodle Workshop permite avaliações por parte do formador; autoavaliação, avaliação por pares e a combinação das anteriores. As configurações desta ferramenta vão mais além e permitem a definição de pesos a atribuir à avaliação do professor e às avaliações dos pares (Moodle, 2016).

O objetivo pedagógico dessa ferramenta reside em proporcionar a avaliação por pares em um ambiente virtual projetado para cursos nas modalidades semipresencial ou *on-line*.

Na documentação *on-line* do Moodle, a ferramenta Moodle Workshop é apresentada como tendo potencial pedagógico em quatro casos distintos. (Moodle, 2016). No primeiro caso, se for configurada na sua forma mais simples, comporta-se exatamente como a ferramenta Assignment e permite a submissão de um trabalho para ser avaliado pelo formador. No segundo caso, a ferramenta oferece uma solução para situações de turmas de larga escala, em que o número de formandos é tão grande que o formador não consegue avaliar todas as submissões em tempo útil. Neste caso, os alunos avaliam-se uns aos outros de forma a distribuir a tarefa avaliativa. O formador revê aleatoriamente algumas dessas avaliações para ter uma noção da qualidade das avaliações por amostragem. No terceiro caso, a ferramenta é apresentada como solução para manter alto o nível de atenção e interesse dos formandos durante as

sessões em que cada aluno faz a sua apresentação oral. É frequente, nesse tipo de atividade, o aluno estar atento apenas a uma pequena fração das apresentações dos colegas. Em seguida, se os alunos tiverem de ir avaliar os colegas na plataforma Moodle, eles terão condições de tomar notas mais detalhadas e estar mais atentos durante as apresentações dos colegas. No quarto caso, é apresentada como uma solução para tarefas focadas no aumento da qualidade dos produtos finais. É apresentada uma proposta de dois ciclos de atividades com a ferramenta em que, no primeiro ciclo, não há avaliação quantitativa, apenas comentários qualitativos de propostas de melhoramento. Em seguida, o formador coloca manualmente a atividade na primeira fase, e é dado tempo aos alunos para fazer uma segunda submissão, agora melhorada. Os mesmos avaliadores avaliam agora os trabalhos quantitativamente. Neste estudo, destacamos a aplicação da ferramenta nos dois últimos casos de estudo, em que cada aluno avalia o trabalho dos colegas de forma objetiva e dá o *feedback* construtivo. Assim, são objetivos específicos da atividade a análise crítica sobre os trabalhos realizados na temática selecionada e a reflexão profunda sobre propostas de melhoramento. Conclui-se que o nível cognitivo exigido para completar a tarefa é de elevada relevância pedagógica.

A ferramenta Workshop é gratuita e se encontra disponível em 12 línguas e parcialmente traduzida em mais de 130 idiomas, sendo considerada com elevado nível de acessibilidade.

A “literacia digital” dos formadores é de extrema relevância quando se fala da integração de tecnologias no currículo. A esse respeito, segundo Papert (2001, apud Maltempi, 2005),

[...] tecnologia não é a solução, é somente um instrumento. Logo, a tecnologia por si não implica uma boa educação, mas a falta de tecnologia automaticamente implica uma má educação.

A configuração da ferramenta Moodle Workshop implica alguns conhecimentos básicos de Moodle e requer pouco tempo de aprendizagem para sua operacionalização. No entanto, há documentação disponível, e não é necessário que o formador possua conhecimentos de programação. Conclui-se, assim, que o nível de dificuldade de sua utilização é médio-alto.

O elevado número de parâmetros de configuração traduz-se em uma grande versatilidade da ferramenta, que pode ser configurada para elevado nível de automatismo ou baixo automatismo e elevado grau de participação do formador. Outra vertente de versatilidade é a forma como a avaliação é realizada, que pode utilizar rubricas, quantitativo (utilizando o número de erros) ou ainda qualitativo (utilizando comentários descritivos). Devido a esses fatores, conclui-se que a ferramenta tem um nível de flexibilidade elevado.

### ***Proposta de integração da ferramenta Moodle Workshop***

Neste estudo, propõe-se que a ferramenta Moodle Workshop seja utilizada como ferramenta de avaliação formativa em contextos de formação de adultos como forma de permitir a avaliação por pares. Cada elemento da grelha de avaliação da atividade corresponde a uma das competências listada como objetivo formativo para o curso. Para cada competência, a rubrica de avaliação determina o desempenho esperado para cada nível de competência. Embora a avaliação somativa possa ser feita seguin-

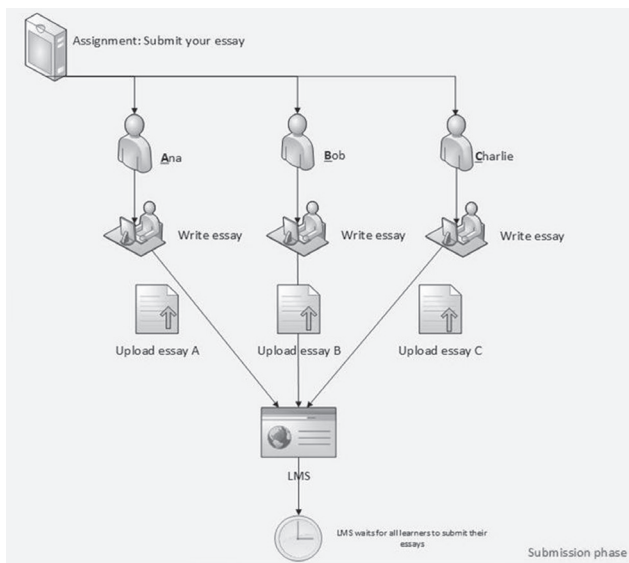


Figura 1 – Diagrama de interação durante a fase de submissão  
Fonte: Moodle, 2016b

do essa técnica, há que ter em conta que, para o fazer, é necessário aumentar o número de avaliações por trabalho, e isso sobrecarregaria os alunos com avaliações, perdendo-se, a certa altura, a essência do exercício devido a fadiga de avaliação por parte dos formandos ou ainda pelo estigma de descrédito profissional deste tipo de avaliação (Wilson, Diao & Huang, 2015).

Diante do exposto, propõe-se uma atividade em que cada aluno tem de produzir um ensaio acerca de uma temática dada na aula e o submetam na ferramenta. Num segundo momento, cada aluno deve voltar à ferramenta para avaliar os seus pares e, em um momento final, voltará pela terceira vez à ferramenta para analisar a apreciação do seu trabalho pelos pares. As ilustrações das Figuras 1 e 2 representam a dinâmica proposta entre três formandos (Ana, Bob e Charlie), que se avaliam uns aos outros.

A estrutura da ferramenta Moodle Workshop apresenta cinco fases (Moodle 2016b), como se pode ver na Figura 3: uma fase de preparação, três fases operacionais e a fase de encerramento. Na primeira fase definem-se todos os parâmetros da ferramenta, incluindo instruções para os alunos, as datas limites e a rubrica a utilizar para avaliação, que tem o formato de um formulário.

Na segunda fase, cada aluno escreve o ensaio e submete-o na plataforma, de acordo com a dinâmica ilustrada na Figura 1. Quando todos tiverem submetido, o sistema distribui os trabalhos submetidos pelos alunos inscritos sem que cada um fique com o seu próprio trabalho. Embora se possa fazer este passo manualmente, propomos o automatismo para reduzir a carga administrativa do formador e aumentar a objetividade do exercício.

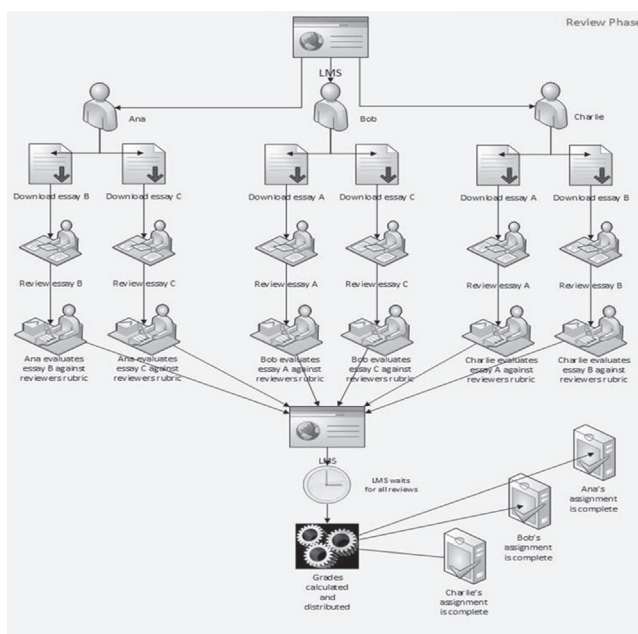


Figura 2 – Diagrama de interação durante a fase de avaliação por pares  
Fonte: Moodle, 2016b

Na terceira fase, cada aluno revê dois ensaios e classifica-os de acordo com a rubrica definida para a atividade de acordo com a dinâmica ilustrada na **Figura 2**. É importante instruir os alunos para darem *feedback* construtivo narrativo com vista a ajudar os colegas a entenderem os pontos onde o trabalho deve ser melhorado. O formador pode redistribuir os trabalhos por outros alunos caso haja desistências ou alunos com dificuldades técnicas.

A quarta fase é atingida quando todas as avaliações estiverem feitas. O professor observa as avaliações efetuadas pelos alunos e os cálculos das médias das classificações realizados automaticamente pelo sistema e tem possibilidade de intervir.

Quando o formador der por terminada a fase de avaliação, chega-se à quinta e última fase, na qual cada aluno tem acesso à sua classificação e ao *feedback* acerca do seu trabalho.

A atividade proposta direciona-se a um contexto de formação de adultos pelo fato de se presumir que esse público possui um nível de maturidade mais elevado. Nesse sentido, apresentam-se dois fatores justificativos: a complexidade cognitiva associada à avaliação dos trabalhos com base em uma rubrica

por competências é elevada; a interação entre formandos é dependente do *feedback* que cada um poderá proporcionar ao outro. Nesse sentido, indivíduos com experiência profissional terão certamente mais a partilhar que jovens ou crianças inexperientes. Não obstante, a experiência com públicos mais jovens poderá trazer também bons resultados.

O papel do formador nessa proposta é mais ativo na preparação da atividade em que tem de definir as instruções para os alunos bem como a grelha de avaliação com a respectiva rubrica. A comunicação do funcionamento da atividade é fundamental para o sucesso da mesma. No relato de um caso de implementação pela University College London, são propostas várias formas de melhorar a atividade de avaliação por pares, utilizando Moodle Workshop através da explicação da atividade e do esclarecimento dos seus objetivos (Vogel, 2015).

Assim que a fase de preparação está concluída, o formador distancia-se e assume um papel de observador, acompanhando e controlando os acontecimentos, podendo intervir para ajudar os formandos que tenham dúvidas ou não estejam a interagir com os colegas como seria esperado.

Setup phase	Submission phase	Assessment phase	Grading evaluation phase	Closed
<input checked="" type="checkbox"/> Set the workshop description  <input checked="" type="checkbox"/> Provide instructions for submission  <input type="checkbox"/> Edit assessment form	<input checked="" type="checkbox"/> Provide instructions for assessment  <input checked="" type="checkbox"/> Allocate submissions expected: 58 submitted: 0 to allocate: 0		<input checked="" type="checkbox"/> Calculate submission grades: expected: 58 calculated: 0  <input checked="" type="checkbox"/> Calculate assessment grades: expected: 58 calculated: 0  <input type="checkbox"/> Provide a conclusion of the activity	

Figura 3 – As cinco fases da ferramenta Moodle Workshop  
 Fonte: Moodle, 2016b


## Conclusão

O ensino por competências surge como resposta às necessidades de formação dos cidadãos atuais em um contexto marcado pelo acelerado fluxo de informações e transformações tecnológicas. O seu potencial pedagógico visa à superação das propostas de ensino tradicionais na medida em que se centra em fornecer uma educação integral aos sujeitos, tendo por base o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes, que, mobilizados em conjunto, possibilitarão aos mesmos responder aos desafios do século XXI.

Nesse propósito, cabe às escolas militares, em geral, e aos professores e instrutores, em particular, buscar integrar as tecnolo-

gias da informação e comunicação (TIC) aos currículos. Dessa forma, sugere-se o uso do Moodle Workshop para que alunos possam se avaliar mutuamente.

As atividades de avaliação devem ser elaboradas com critérios muito bem definidos pelo professor. Nesse sentido, as grelhas e rubricas de avaliação têm estar muito bem alinhadas de modo a fornecer transparência ao processo bem como servir de guia aos alunos para avaliarem de forma mais precisa os trabalhos dos colegas.

Do exposto, a ferramenta terá maior probabilidade de impacto positivo no processo ensino-aprendizagem se aplicada em contextos de cursos em formato semipresencial ou *on-line*. 

## Referências

- BLACK, P., & WILIAM, D. (1998). **Assessment and classroom learning**. *Assessment in Education*, 5(1), 7-74.
- COMISSÃO EUROPEIA (2007). **Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida. Quadro de referência europeu**. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. Disponível em: <[pt.slideshare.net/savoonlina/keycomp-pt?qid=1a6d2005-fc74-4c3b-a224-9b41568210b9&v=qf1&b=&from\\_search=1](http://pt.slideshare.net/savoonlina/keycomp-pt?qid=1a6d2005-fc74-4c3b-a224-9b41568210b9&v=qf1&b=&from_search=1)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.
- COSTA, F. (2010). **Metas de Aprendizagem na área das TIC: Aprender Com Tecnologias**. In F. Costa, G. Miranda, J. Matos, I. Chagas & Cruz (Org.). *Actas do I Encontro Internacional TIC e Educação. Inovação Curricular com TIC* (pp. 931-936). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- COSTA, F., Rodriguez, C., CRUZ, E., & FRADÃO, S. (2012). **Repensar as TIC na Educação. O Professor como Agente Transformador**. Lisboa: Santillana.
- DELORS, J (coord.). (2004). **Educação: Um tesouro a descobrir** (9ª ed.). (J. C. Eufrázio, Trad.). São Paulo: Cortez. (Obra original publicada em 1999).
- GIELEN, S., DOCHY, F., & ONGHENA, P. (2011). **An inventory of peer assessment diversity**. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 36(2), 137-155.
- GODA, B. S., & REYNOLDS, C. (2010). **Improving outcome assessment in information technology program accreditation**. *Journal of Information Technology Education: Innovations in Practice*, 9(1), 49-59.



---

MALTEMPI, M.V. (2005, Julho). **Novas Tecnologias e Construção de Conhecimento: Reflexões e Perspectivas**. Conduzido no *V Congresso Ibero-americano de Educação Matemática (CIBEM)*. Porto, Portugal.

MOODLE (2016). **Documentação explicativa das fases da ferramenta Moodle Workshop**. Disponível em: <[https://docs.moodle.org/dev/Workshop\\_2.0\\_specification](https://docs.moodle.org/dev/Workshop_2.0_specification)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.

MOODLE (2016b). **Documentação técnica de suporte ao utilizador para utilização da ferramenta Moodle Workshop**. Disponível em: <[https://docs.moodle.org/30/en/Using\\_Workshop](https://docs.moodle.org/30/en/Using_Workshop)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.

MOODLE (2016c). **Documentação técnica de suporte ao utilizador para utilização da ferramenta Moodle Assignment**. Disponível em: <[https://docs.moodle.org/30/en/Assignment\\_activity](https://docs.moodle.org/30/en/Assignment_activity)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.

RUSSELL, M. K., & AIRASIAN, P. W. (2012). **Summative Assessments, Classroom Assessment. Concepts and Applications** (7th ed., Vol. 5): McGraw-Hill.

UGULINO, W., MARQUES, A. M., PIMENTEL, M., SIQUEIRA, S. W., (2009). **Avaliação Colaborativa: um Estudo com a Ferramenta Moodle Workshop**. XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, Florianópolis - SC - 2009, ISSN: 2176-4301. Disponível em: <[www.researchgate.net/publication/258507447\\_Avaliacao\\_Colaborativa\\_um\\_Estudo\\_com\\_a\\_Ferramenta\\_Moodle\\_Workshop](http://www.researchgate.net/publication/258507447_Avaliacao_Colaborativa_um_Estudo_com_a_Ferramenta_Moodle_Workshop)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.

VOGEL, M. (2015, 21 de Dezembro). **An even better peer feedback experience with the Moodle Workshop activity**. [Mensagem Web] Disponível em: <[blogs.ucl.ac.uk/digital-education/2015/12/21/an-even-better-peer-feedback-experience-with-the-moodle-workshop-activity/](https://blogs.ucl.ac.uk/digital-education/2015/12/21/an-even-better-peer-feedback-experience-with-the-moodle-workshop-activity/)>. Acesso em: 24 Jun. 2016.

WILSON, M. J., DIAO, M. M., HUANG, L. (2015). **“I’m Not Here to Learn How to Mark Someone Else’s Stuff”: An Investigation of an Online Peer-to-Peer Review Workshop Tool**. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, v40 n1 p15-32 2015.

ZABALA, A., ARNAU L. (2010). **Como aprender e ensinar competências**. (C. H. L. Lima, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2007).

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

---

BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA. 21ª Bia AAAe Pqdt. 2016. <[www.bdainfpqdt.eb.mil.br/oms/60-organiza%C3%A7%C3%B5es-militares/111-21-bia-aae-pqdt.html](http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/oms/60-organiza%C3%A7%C3%B5es-militares/111-21-bia-aae-pqdt.html)>. Acesso em: 21 agosto. 2018.

PEREIRA, André Luiz. **Um estudo sobre os sistemas de média altura e as ameaças aéreas do continente sul americano**. 2014. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Aperfeiçoamento para Oficiais). Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2014.

KONSTRUKTORSKOYE BYURO MASHYNOSTROYENIYA, Sociedade em matéria de investigação e produção de empresas. 9K338 Igla-S man-portable air defence system. [20--]. Disponível em: <[www.kbm.ru/en/production/pzrk/](http://www.kbm.ru/en/production/pzrk/)>. Acesso em: 12 agosto. 2017.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.